



José Cardoso Pires

## Porto feliz: carnaval e morte

*Saltou-lhes ao caminho o gerente, de revólver engatilhado. Sem olhar a elegâncias, queria detê-los para os entregar à polícia, ao xerife, digo eu, porque Luanda naquela noite devia parecer um Texas de "saloon" com o McCarthy atrás do balcão.*

**NESTE PONTO** do mapa, cidade de Luanda, deixo um sinal de aviso porque lá viveram na morte amigos meus que depois falaram dela por escrito em irmandade de rebeldes. Assis Pacheco foi um desses, António Lobo Antunes outro e, com estes, Manuel Alegre. No Assis, meu amigo doloroso a cada verso, aprendi o cheiro da Walther assassina e o orvalho dos cadáveres a céu aberto. E quando um dia me disseram que o viram aportar a Luanda, fardado de alferes a bordo do paquete Niassa, dei por mim numa guerra vinte anos antes da dele onde eu figurava em uniforme de praticante de piloto do mesmo navio Niassa.

Niassa, a barca de ouro do comandante Bettencourt, que, em bebedeiras gloriosas, atravessava meridianos carregadinhos de minas, sentado no seu camarote a cantar o "For he is a jolly good fellow" para afugentar os submarinos alemães. Mesmo por cima, na ponte, eu ouvia-o a gargalhar pela noite fora, acompanhado a gargarejos de champagne pelo ilusionista Octávio de Matos e a olés e a sapateado pelas Hermanas Lopez, que regressavam à Metrópole depois dos safaris dançantes do Casino Costa, de Lourenço Marques.

Aquilo, sim: para os portugueses do Império, a guerra entre o Hitler e o Churchill era cá um carnaval de primeira. Ia-se sempre á beirinha da África Nostra, em Maputo (em Lourenço Marques, perdão) viam-se marchas de negros acorrentados a alcatroarem as avenidas, no Lobito desflo-rava-se uma pretinha por três vinténs em notas de quinhentos, e dias depois estava-se em Luanda a comer lagosta ao desbarato.

Foi nessa viagem do Niassa que o Moby Dick Bettencourt encontrou na sua cama, em lugar duma das Hermanas Lopez, a sua cadelinha de estimação, morta a facada por um negro desertor. Este foi um aviso dos tempos, uma metáfora, se assim se lhe pode chamar, da África mal agradecida. O comandante, apesar da bebedeira, percebeu. E carregou-lhe ainda mais na bebida para esquecer.

ALGUNS ANOS mais tarde, caberia a Artur Semedo registar um outro aviso da Luanda em convulsão, se ele estivesse para aí virado. Com aquela sua escrita tão sábia de humor e de imaginação, ele que conte como foi que, certa noite, numa "boite" racista, um cravo calou a morte.

Aventura de passagem, diria Artur Semedo, no tom desinteressado que lhe sabemos. Mas não, aquilo foi caso público, estória na vertical trazida por muitos canais. Ao centro, um navio no porto e ele e Carlos José Teixeira, dois actores, dois passageiros em trânsito para Lisboa, numa visita nocturna à cidade onde acabavam de aportar. Vinham de filmar "Chaimite" lá muito para trás, em Moçambique; agora, já longe das epopeias coloniais e do fantasma do Mouzinho, faziam a Luanda "by night" em cidadãos de elegância, passo altivo e cravo na lapela. Qualquer deles a simpatia em pessoa mas, verdade se diga, in-

divíduos de mau perder, como muita gente sabe.

E foi com simpatia e mau perder que, ao chegarem à infeliz "boite" e depararem com o porteiro a impedir a entrada dum cavalheiro acompanhado dum senhora mulata, resolveram pôr um pouco de bom senso naquela atitude. Achavam-na um tanto indecorosa, quase racista, o porteiro que lhes desculpasse, e como o porteiro não desculpou porra nenhuma, Semedo e Teixeira, com o menor dano possível, desconcertaram-lhe a fachada ao murro e à cabeçada e entraram na "boite" em perfeita compostura.

Saltou-lhes ao caminho o gerente, de revólver engatilhado. Sem olhar a elegâncias, queria detê-los para os entregar à polícia, ao xerife, digo eu, porque Luanda naquela noite devia parecer um Texas de "saloon" com o McCarthy atrás do balcão.

Os actores sob custódia mantiveram as marcações. Carlos José Teixeira estendeu a mão como quem pede licença ao colega para tomar conta da cena. Olhou para a arma do mafioso, olhou-o olhos nos olhos, e apontou o cravo da lapela: "Para aqui", disse ele como quem marca o alvo e dá ordem de atirar. Esperou um minuto; um bom minuto. Esperou mais. Depois, ele e Artur Semedo voltaram costas ao desgraçado, deixando-o de arma pendurada, à espera da guerra que viria daí a anos sem o consultar.

Que eu saiba, aquela foi a única vez antes do 25 de Abril que um cravo calou a boca duma arma, mas estava-se numa Luanda já de avisos. Um porto feliz para a navegação dos bêbedos mas já a caminho do massacre. ●